

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

O PENSADOR.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

... Et pro non sine parvis fluctantibus, et circumstantiis, cum vultu dicitur, in sequitur hominem, in actibus et circumstantiis erratis.
(S. Paulo, ad Hebraeos Cap. V, c. 14, Epheos.)

Maranhão, 30 de Julho de 1881

Propriedade de uma associação.

Provenção.

Prevenimos mais uma vez alguns dos nossos assignantes, que teimão em mandar ir o cobrador para depois de findo o trimestre, que as nossas assignaturas são pagas adiantadas, e por isso quando não lhes convenham estas condições, que aliás, não ignoram devem dizer com a necessaria antecedencia, afim de tomarmos as providencias que julgarmos convenientes.

O PENSADOR.

MARANHÃO, 30 DE JULHO DE 1881.

A religião do Estado.

O art. 5.º da Constituição politica do Imperio diz que:—A religião catholica apostolica romana constituirá a ser a religião do Imperio.

Todas as outras religiões serão permitidas em seu culto domestico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.

Dispõe ainda sobre a materia da religião, o art. 170 § IV.—Todos podem communicar os seus pensamentos por palavras, escriptos, e publical-os pela imprensa, sem dependencia da censura, com tanto que hajam de responder pelos abusos que commetterem no exercicio deste direito, nos casos e pela forma que a lei determina.

§ V. Ninguém pôde ser perseguido por motivo de religião, uma vez que respeito a do Estado e não offenda a moral publica.

A lei, a que se refere o § IV do art. 170 da Constituição, dispõe no art. 11 § 2 do Código Criminal:—Não se julgarão criminosos os que fizerem analyses rasoaveis dos principios e usos religiosos. E ainda o mesmo Código determina mais no art. 276:—Offende a religião aquella que celebrar em casa ou edificio que tenha alguma forma exterior do templo, ou publicamente em qualquer lugar, o culto de outra religião, que não seja a do Estado.

Art. 277. Abuzar ou zombar de qualquer culto estabelecido no Imperio, por meio de papeis impressos, lithographados ou gravados, que se distribuirem por mais de 15 pessoas, ou por meio de discursos proferidos em publicas reuniões, ou em occasião e lugar em que o culto se presta.

Art. 278. Propagar por meio de papeis impressos, lithographados ou gravados, que se distribuirem por mais de 15 pessoas, ou por discursos proferidos em publicas reuniões, doutrinas que directamente destruam as verdades fundamentais da existencia de Deus e da immortalidade da alma.

Eis o que dispõe a lei sobre materia de religião. A religião catholica apostolica romana é a religião do Estado; mas são toleradas todas as outras religiões;

os cidadãos podem expor livremente as suas doutrinas: ninguém pôde ser perseguido por motivo de religião; não são considerados criminosos os que analysarem rasoavelmente os principios e usos religiosos; e nem aquelle que zombar de qualquer culto estabelecido no Imperio, quer seja publico, quer secreto; bem como sera criminoso o que tentar destruir as verdades da existencia de Deus e da immortalidade da alma.

Mas de que religião falia a Constituição?—Será da religião do papa, do jesuitismo, que substituiu a religião de Christo pela seita publica do coração de Jesus?

Que culto offende aquelle que celebra, em casa ou edificio, com forma exterior de templo, ou em publicas reuniões, o culto de outra religião?

Será aquella que acousella a esposa e a filha a abandonarem marido e pai que não creem em confissões, e lancarem-se aos pés da Dr. Mourão, padre Fonseca, etc., para confessal-as, aconsellal-as, dar-lhes a communhão todas as semanas, varrer a igreja, e numa palavra, abandonarem a familia para se sepultarem na vida mystica?

Será aquelle culto, cujos ministros criam uma gazeta para tratar dos interesses catholicos, mas afinal afasta-se do seu programma e afira aos seus advsarios todas as qualificativos que jamais o padre catholico empregou?

Será finalmente a religião cujos ministros alacem com a mais cruel injustica ao digao presidente da provincia, por que não violou a lei mandando calar as nuvas bocas na moridade desinteressada e justa) que nesta terra pugnam pelos direitos do homem?

Não, as leis que nos regem harmonizarão as crencas da religião do Estado com a liberdade de consciencia, tão amplamente garantida pelo § V do Art. 170 da Constituição, pondo o cidadão a coberto da intolerancia jesuitica; que, vindo no catholiceismo o velho morto já improprio a abrigar a sociedade contra o elemento do mal, inherente á natureza humana, formulo o *apthos*, essa negação de todo o progresso social.

Entes recitar constante de monerencia que já não satisfiz mais as intelligencias, os jesuitas emnegam esforços herculeos para sustentar o velho gelo da vida mystica, que desluz-se ante a astronomia, negando-lhe um lugar no espaço; aniquilla-se ante a chimica, a physica e a biologia, demonstrando-lhe que no universo nada se perde e nada se crea, que todas as seres estão sujeitos a leis naturaes, fixas e invariaveis, e não á vontade d'aquelle que mandou parar o sol para Justo poder acabar a batalha.

Lastencio IV, os Martyres pp. 38) falia a liberdade ha 18 seculos de dizer á Democodice:—*Virgante, os christãos não são capcios, e as vossas doutrinas não são nem justas, nem injustas; elles não variavel. Os homens de hoje não podem dizer: A theologia explica o mundo pela intervenção divina, e o positivismo diz que todos os nossos actos são produzidos por essas relações invariaveis chamadas leis. O mais elevado ser que podemos conhecer no universo é a Humanidade. Este Ser supremo consiste na reunião de todos os seres pensantes, de todos os grandes pensamentos, sensações ou acções dos homens, de todos os tempos e de todos os paizes. Ser supremo! immenso, porque cobre o mundo eterno, porque abraça*

ao mesmo tempo o passado, o presente e o futuro; tudo poderoso, porque nenhuma acção intelligente se pode comparar á sua. (Dr. Reiniet). E chamais á isto impudico, e negação da existencia de Deus, e da immortalidade da alma?

O Ser-supremo do positivismo é de natureza essencialmente humana, e o Ser-supremo da theologia é de natureza divina. A alma da theologia é uma parte da divindade que apenas vem peregrinar neste mundo; e depois da morte do seu involuço (o corpo) vai para o lugar a que suas obras, no mundo, lhe dão direito:—o céu para os bons, e o inferno para os maus.

A alma positivista, que consiste no complexo das faculdades moraes, intellectuales e praticas que caracterizam os servidores da humanidade, tem dois nobres destinos; um que se effectua durante a vida, consiste nas boas obras, imitadas dos mortos, que serão applicaveis aos seus contemporaneos, e depois da morte a sua morte; o fim desta vida é o aperfeiçoamento physico, intellectual e moral, vivendo para os outros.

A segunda imperievel, consiste em viver na memoria da posteridade, que se resume—viver nos outros e pelas outros. Tal é a nobre perpetuidade da alma humana que o positivismo reconhece.

Mas, quem assim pensar, escrever e propagar uma tal doutrina, achava-se incursu no art. 278 do Cod. Crim. ?—Não.

porque não se destrua as verdades da existencia de Deus, e da immortalidade da alma. Não; porque, se devemos agradecer a Deus por nos ter creado as arvores nas florestas, não devemos menos agradecer ao marceneiro que com ellas nos preparou os moveis,—esses comodos da vida. Não; porque, si devemos ser a nossos pais, tambem muito devemos aos nossos mestres que nos prepararam o espirito.

Deus pode ficar onde os theologos quizerem que elle fique; a alma pode ir para onde Deus quizer; o positivismo não discute a ideia de Deus, nem a immortalidade da alma, sendo considerando a humanidade como um ser omnipotente na terra, e a alma como o resultado das acções que cada um tiver praticado em vida.

Meu disão o catholiceismo de que trata a lei já não existe hoje senão no coração desses dignos sacerdotes, que todos conhecem, mas cujas vozes foram soffradas pelos Roefeharts de sacristia, que enfaticamente se denominam de *verdadeiros sacerdotes da religião do Christo*, como Gaudas se intitulava interprete das vontades de Jupiter. Portanto, quem atacar esses agitadores, retrogrados, inimigos dos direitos do homem, nenhum crime commette, porque não representam, esses anachronismos, a doutrina do Divino Mestre, mas são os intrasigentes-sectarios do ultramontanhismo, cujas doutrinas não são os que as nossas leis protegem. A religião do Estado é a catholica apostolica romana, e a dos padres de Santo Antonio é a religião dos papas.

Estes nada devem esperar da sociedade moderna; que se lamentam como lereuinas, dizendo:—Ai! como oslão tão desertas essas igrejas outrora tão concurreidas! Nas naveas de Santo Antonio só repercutu a litteratura safada dos imitadores de Bossuet; fechadas estão as suas portas á todos os instruidos; *empuam* seus sacerdotes, estão marilentas as ir-

mães do coração, e ella mesma submergida nos desvarios da *Catholiceo* O vos todos que procuraes a bem estar do homem na instrução, no direito e na sciencia, considerad, se vede se ha mais improprio trabalho do que o nosso!—Os que regentam a gazeta clerical pela sua desgraçada insignificancia, haterm palmas e nomeiam as cabeças, dizendo:—E esta a pacifica habitação dos padres franciscanos, hoje convertida em viveiro de agitadores e onde se imprime a *Catholiceo*?

O objectivo das sociedades modernas é a igualdade perante a lei; a liberdade de consciencia, a fraternisação de todos os homens.

A pronuncia do padre Ozorio.

Acaba de ser confirmado pelo Superior Tribunal da Relação o despacho do meritissimo Juiz de Direito dr. Augusto de Mello Rocha, que pronuncia o padre Ozorio A. da Cruz por crime de calunnias impressas contra o brioso militar—major João Manoel da Cunha.

A integridade do Colendissimo Tribunal do Maranhão é lio conferida no Imperio, que desnecessario se torna O Passa-não encarecido; mesmo porque so os espiritos apaixonados é que podem discordar dos mercedos lavores, que quotidianamente lhe são tributados.

Não exultamos com as infelicidades alheias.

Lamentamos mesmo a situação contrapontadora, que os padres *Mourão* e *Pessoa*, verdadeiros redactores do *orgão clerical* e unicos que so deviam apresentar responsaveis, depois da solemne promessa do padre *Cavallho*, cream no pobre e inexpiente sacerdote, mas como cidadãos brasileiros não podemos, nem devemos ficar indifferentes ante o sempre magistoso espectáculo do cumprimento da Lei.

Acresce que o acto do Tribunal Superior tem um fim duplamente moralisador, porque se por um lado confirma o elevado conceito de rectidão e justiça, que constitue o apaução d'aquelle Tribunal, por outro será talvez um vigoroso correctivo aos desvanidos do *orgão clerical*, onde a calunnia supre diariamente a impicia dos redactores.

A situação do Sr. D. Antonio Candido d'Alvarenga.

Quando uma autoridade legitimamente constituida, esquecendo-se de seus deveres, viola a cada passo leis emanadas do poder competente, e ás quaes tem restricta obrigação de obedecer e respeitar, torna-se nociva á sociedade e digna de severa punição.

Neste caso achase o Sr. D. Antonio Candido d'Alvarenga, infelizmente bispo desta diocese.

O publico todo sabe perfeitamente qual tem sido o procedimento do diocesano, e a guerra aberta que S. Exc. Rvm. declaram a tudo aquillo que é conforme ao direito e a vontade do povo.

Em S. Exc. Rvm. não vemos no pastor zeloso de seu rebanho e em busca de um aprisco seguro para guardar suas ovelhas.

Não. S. Exc. Rvm. representa entre nós o papel de um lobo prestes a devorar-nos a todo instante, sem lembrar-se porém,

que exista alguma força que o fará recuar e abandonar seus sinistros intentos.

A desordem e a descortezia, eis os meios de que S. Exc. Rvm. lança mão para fazer-se impôr ao publico.

Este, porém, reagindo com toda dignidade que lhe é propria, despreza a autoridade e lamenta o homem que não sabe fazer respeitar o cargo que occupa.

Cercado de um grupo de jesuitas do-sorteiros e especuladores, eucanecidos na hypocrisia e na mentira, S. Exc. Rvm. deixando-se arrastar por conselhos erroneos e perigosos, peiora cada dia a má situação em que se acha collocado, e da qual com gloria jamais poderá salar.

Ultimamente acha-se S. Exc. Rvm. apontado como não cumpridor de seus deveres, visto ter invadido attribuições que não lhe competião, ou devido a ignorancia ou ao genio irascivel e bilioso de que é dotado.

Referimos-nos a nomeação do padre Raymundo Alves da Fonseca, capellão capitão do exercito, para o lugar de conego.

S. Exc. Rvm. com o fim, talvez, de remunerar serviços prestados a si por este sacerdote, invadido as attribuições do governo imperial, tornando-se por conseguinte réo e no caso de merecer severa punição.

O governo imperial não se fez esperar, e pelos canales competentes offerece ao distincto procurador da corôa da Relação desta provincia o desembargador Antonio Francisco de Salles, para que precedesse conforme a lei.

O illustre magistrado dirige-se a S. Exc. Rvm. e exige que lhe seja dada por certidão o theor da nomeação do padre Fonseca para o cargo de conego.

S. Exc. Rvm. manda passar a certidão mas o secretario do bispado declara que nas livros a seu cargo, nada consta a tal respeito.

O que julgarmos de um tal facto? Que ideia devemos fazer em vista do que se passou?

Dar-se-ha acaso que S. Exc. Rvm. tivesse em mira divertir-se com o digno delegado do governo que procedia em cumprimento de seus deveres?

Não obstante ser-nos impossivel formar juizo algum lisongeiro a respeito do Sr. Bispo, contudo, parece-nos não ter sido este o fim que teve em vista S. Exc. Rvm.

A não ser assim como explicar-se o procedimento do prelado maranhense?

Ocorre-nos dous meios.

Em 1.º lugar ou S. Exc. Rvm. desconhecendo completamente as leis do paiz e os deveres inherentes ao cargo que exerce, proceder erradamente, e hoje não tem a precisa coragem para sustentar aquillo que fizera, ou então apoiar o desrespeito ás leis, deixando o padre Fonseca, ou subordinado, use de titulo e distinctivos que lhe não competem.

Em qualquer dos dous casos S. Exc. é criminoso e merece severa correccção.

Uma autoridade que assim procedo só tem a esperar, — o castigo do poder competente e o desprezo do publico, que não se deve esperar áquelles que não se acham no caso de cumprir a missão que lhe foi confiada.

Lance S. Exc. Rvm. por terra esses nossos argumentos que lhe faríamos justiça, se por acaso for digno d'ella.

elle cavava no vicio. E nesta senda verdadeiramente evangelica, quantas lagrimas a caridade do digno ministro não enxugou; quanto pão do espirito não distribuiu aos verdadeiros necessitados — os ignorantes!

Era assim que o virtuoso prelado via para os seus irmãos, as ovelhas que lhe foram confiadas, e preparava na mansão dos justos um lugar de honra, e entre os vivos deixava mãos reconhecidas, que espargissem flores sobre o seu benfido túmulo, depois que o anjo da morte estendesse suas azas sobre uma existencia tão bem prebenedida.

Durante a sua administração sen-rebaldou nunca teve sede de justiça porque o santo bispo repartia do que tinha, vestia os nus e ensinava aos ignorantes.

Esta paz poética, fugio da diocese depois que o seo laçado passou a outras mãos. O Sr. D. Antonio, naturalmente de boa fé, mas sem experiencia do mundo logicamente enganado nos seus raciocinios; sustendo com abusos, o aquillo que era prudencia não loar; seus conhecimentos que lhe ditammassem a vereda que ia trilhar; lemerario que não comprehendia que a creença de que o ministro está fria nos corações dos homens, e que a sua missão tem por fim dirigir uma parte somente de seo rebaldio, pois que a outra já está incapacitada, e não precisa mais do seo ministerio; dizamos, o Sr. D. Antonio, arvorou-se em reformar os costumes, e como Mahomet, quiz impôr a sua gravidade, a autoridade da sua palavra, o exemplo das suas virtudes, ao rebaldio que lhe fora confiado. Para conseguir pelo archo o que lhe era impossivel pela fraqueza de palavra, o *Catão* qualista empreendendo uma viagem ao Pará, afin de conseguir desprender da mitra de D. Antonio Gasto a melhor pedra que ornava, para a collocar na sua.

Essa pedra que o Sr. D. Antonio Alvares suppoz ser um diamante da melhor agua, e que teve a imprudencia de roubar á seo collega, nada mais era do que um seixo roldado, que affinal deo-lhe na cabeça.

Mas o Sr. D. Antonio queria reprimir abusos, reformar costumes, reprimir desmandos, reprovor o erro, repellir o mal e reimpriar o esgotado catholicismo, como o herôe da Manchia pretendia vingar agravos, opprimir os fortes e elevar os humilhes.

Para isto conseguir, lança mão do seo seixo roldado e afira-o no nacio das ovelhas, por intermedio da funda de David (a Civilisação), mas que não acertou em nenhuma testa de Goliath, porque os gigantes de hoje, os pensadores não morrem mais á tiros de fundas.

Então imaginamos o plano, não de bater a funda no terreno serio da phyllophia, mas de agarrarmos o seixo roldado pelo cabeção e levá-lo até ao lugar que lhe era devido, — a *linguagosa regateira* para depois mostrarmos ao publico que o padre rancuroso, cheio de odios e vazio de caridade, não prega a doutrina do Christo, porque não perdoe as injurias como o divino redemptor; pelo contrario leva aos tribunales aquelle que repellio uma aggressão torpe d'um rospeta infatuado.

Tendo conseguido desilludir os que estivessem de boa fé, o nosso plano sabio a pedir de boca. A *Creditação* já não trata mais de religião; metto-se na politica tentando atassallar a reputação do illustre presidente da provincia; suspicou de lama o diffusão a fôga dos juizes do seo paiz; desseo no santuario da família e tentou lançar a bava da calumnia sobre as vestes candidas da esposa e mã; a villa do homem de bom, enfim, ficou a mercê dos santos varões reformadores de costumes.

Pois bem, a *Creditação* occupa hoje o lugar que lhe compete; conseguimos arrancar-lhe a máscara, arrastal-a perante o tribunal da opinião publica, e perguntar aos homens de boa fé: — Esta é que é a gazeta dos padres de Santo Antonio? Senhores! chammais a isto religião de Christo? — Fugio do bispo inepto que é pa-

trado por suas ovelhas; evita o padre que no confessorio vos aconselha penitências, perdões das injurias e misericórdia, e na gazeta pretende devassar a vida privada do cidadão! — Anadilgou o pastor que não vai em busca da ovelha desgarrada para trazela ao aprisco; ao contrario, deixa a sua santa missão para se occupar com as cousas mundanas.

Por isso não mais trataremos da *Creditação*; maltemos a gazeta dos padres; o publico já sabe o que ella é, damos carta branca á gazeta clerical, para dizer o que quizer; o orgão dos interesses catholicos não tem imputação; nós vamos de hoje em diante doutrinar o povo, pois que o Mourão morreu; vamos lhe rursnar a verdadeira religião de Christo, pregar ao povo o evangelho moderno — o futuro.

Cidadãos! — Nós vos mostraremos o verdadeiro caminho do céu!

Os contemporizadores.

Temos entre nós diferentes typos: — o jesuita de casaca, o detractor, o espolista clerical e o contemporizador. Aquelles já têm sido sobrejuncto analisados, por isso occupar-nos-emos deste.

O contemporizador é quasi sempre um individuo de tal ou qual educação, mas cuja eguidade não funciona livremente por estar atida a este ou aquelle model mais ou menos condemnavel. Rasoio porque, não obstante a apparencia de cavalheiro que busca ostentar, não pôde ser considerado um homem de bem.

O contemporizador pensa o no seu fôro intimo accompanha cheio de convicção o caminho gigante deste seculo, mas coidado, amarelado pelas peias da consideração ou do interesse, soffoca a dignidade e de sorriso nos labios, e admanes de cortezão, contuldo, com polidez estudada, suas proprias convicções, declarandose protector moderado do jesuita.

O contemporizador tem varias encarnações:

Muitas vezes é elle authority e nas palestras intimas manifesta ideias liberrimas, atecado seu linguas o jesuita.

E toda energia emprega na exposição de seus sentimentos que o julgareis capaz de quehlar a benta typographia do *passa-jornal clerical*; mas apresenta-se a opportunidade; torna-se preciso reprimir o audacioso jesuita e o homem fogo, o homem vicio, transformam-se repentinamente em *agua morna*! . . .

Outras, é simples funcionario, joven, bonito e sempre delicado. *Faz poesia de um abelhaio assustador* . . . mas succede que se torna necessario o seu concurso para castigar o infame — o jesuita, e o *affirma* fica logo *gabrielico* e *est-o* que munda de terra em busca d'ares mais puros . . .

Algumas, é tambem politico. Quasi sempre liberal e liberal exaltado. A separação da Igreja do Estado, é o seu dourado sonho. Conta-o a todos, mas praca, nos bocos e nas espinhas . . . mas o jesuita vota . . . e á noite, que os *gatos todos são pardos*, lá se vão os nossos *homens de bem* em busca da caualha.

Outras, são medicos, bachareis e até advogados, de uma honradez *colonica* que não cede nem á bala! Gestos e catadura de uma rigidez condigna e cuidadosamente estudada . . . mas o homem é de *fretil burro* e a sogra um avô, *divotas furiosas do Coração*, tem opulentas terças, que, apesar de não serem *interius* . . . fazem tollerava muito hom arranja . . . e d'ahi esses *beatos* que vagueiam, como que escondidos pelos côrds das egrejas, reaciosos de serem vistos pelo publico e satisfeitos por cumprirem tão sinceramente os santos deveres da . . . terra.

Eis em resumo o contemporizador, entidade conhecida em todas as classes e a nosso ver mais prejudicial que o especulador clerical.

Este, como Bristol, expõe ao publico a cara cynica e divididamente estanhada, ao passo que aquelle afivela a máscara da honradez e consegue, as vezes por muito tempo, impugnar-se por homem de

ben, mas um e outro devem ser humilhes da sociedade.

Theodoro Castros.

Le monde marche.

Infelizmente que o Sr. Camillo de Jesus não consentio no enterro de S. Exm. consorte cerimoniaes padreasas.

Se todos precedessem assim as Eras do santo Antonio ficariam reduzidas a roer as milhas e o *paipo* das orphãs deixaria o Maranhão em procura de pasto mais viçoso.

Nossos parabens aquelle distincto cavalheiro.

João Tebalino.

Quem sabe?

Desconfiamos que s. exc. revm.ª d. Antonio Candido d'Alvarega é maçom. Temos algumas razõesinhas para dizermos isso. O theoro de s. exc. tem tres de-gragos, numero symbolico na Maçonaria. O mesmo theoro tem a forma triangular na sua parte elevada. O triangulo é um symbolo maconico.

O que tem a dizer sobre isso o sr. conego Mourão?

Não é para adular que d. Antonio seja maçom, pois o uni-santo Pio IX o foi.

Fonseca.

Um thom achado.

Recorrendo diversos jornaes velhos que tenho, deparei com um que tinha publicado um epigramma, que disseramme ser da lavra do sr. capitão Euclides Ludgero Corrêa de Faria.

E como seja uma boa composição, digna de ser apreciada pelo publico, rogo-lhes queiram transcrevel o em seu muito conceituado jornal.

Raymundo Fonseca.

E' este o epigramma.

A CONFESSÃO DE UMA MOÇA.

— Não sei scubar Padre, — isso é geral;
— Porá para casar; — o mal castoso;
— Mas elle prometteu . . . — eu fui briso . . .
— E jurei-me tambem; — isso o que vai?

Se visões como é tão *extremoso*,
Quando junto de mim, — é natural;
— Por isso julgo que . . . — oh! l' pensas mal,
Dizo . . . Diz . . . — sur elle meu esposo.

— E pensas? . . . cotadinho! — sim em caso,
E' muito bello moço, men constante . . .
— Porem de ti, menina, não faz caso.

Absova-te, porem se teu amante,
Te deixar. — ah! l' não deixa! — por acaso . . .
Vem amar-me mulher, que sou constante . . .

Retrato.

Egatio, magro, secco e mal compeido,
Focinho descarnado e amarello,
Linguo — enorme palminha da chinelo,
Ollhar curvo, de porco, eudraticeido;

Os queixos de lamenco, já servido,
Pescoço de girafa, ou de camelo,
Mal friso ourangulango, nos sem pélo,
Ou melhor, — surraio velho a ressequido;

Moraculoso, — arromsado de hyperisid, —
Faz . . . millogra e sancto, pois não pecca,
Tambem dizem, saber phibosica . . .

Alfôrta do donzel (pobre caroca!)
— Quem té hoje não vio esta mania,
Não enlucece o Mundo da Fonseca.

Agripio Persio.

COLLABORAÇÃO

Morroo e Mourão.

Esta diocese vivia em paz, espiritualmente dirigida pelo nobre e digno bispo de saudosa memoria o finado D. Luiz da Conceição Saraiva. As horas que sobravao no bondoso prelado dos seus deveres como pastor erão consagradas á caridade e á instrução da mocidade. O virtuoso bispo provava-se até do necessario para economisar dinheiros, afim de gastar largamente, para elevar templos á instrução; pois estava convencido, o illustre apostolo, de que cada escola que abrisse seria uma nova masmorra que

Lembrança do Diabo

Um dia Saturno, trilhante, nublado,
Em brancas assestado, com mudo de ter fido,
Lembranças de fazer um brio que se achava...

Um dia, o plebeio dos olhos do pastor,
Um honesto sair...
Será um seductor grego, um...
Desce, has-de ser brando, lhe dir o par...

Chamou-o desatando, pultra, adedeiro,
Chegou a posseger-lhe um grande possessão,
Após, foi dar a obra a vítima domo...

VARIEDADE

Não contem...

Leitores:
Seu Pureza, que atrota santidade, que
ostenta hipocrisia e que apregoa virtudes...

temporadas. Não evitando nas conse-
quencias, não medindo o precipício, o
pandego voltito diz a qualquer moçoila:
—ou te amo; como dizia ao padre Castro:
venta de lá essa pitada...

to de eloquencia verdadeiramente admi-
ravel.
Dizia o padre: carissimos e predilectos
ovintes, o signal da cruz é uma cousa
immensamente grande e poderosa...

Deus nostris, in nomine Patris et Filii et
spiritus Sancti.
Amen.
El caselhean nostrum accrescentou
o Pureza.
E acabou-se o sermão.
19-7-81.
X. Y. Z.

ECHOS DA RUA.

Dizem que o folhetim em verso publi-
cado no Paiz por E. FARIA, é do afamado
capitão Bristol, ex-membro do cãgo,
ex-devasa e actualmente emertido pela
santa moral de Santo Antonio.
—Muito pode a santa religião...
O muito estimado seu Pureza tem sido
nestes dias assumpto forçado da conver-
sação publica, em consequencia de um
acto verdadeiramente catholico, apostoli-
co, romano, praticado, segundo dizem,
em proveito de uma orphã.
—Consta que Antonio Cavallio vai lhe
conceder tambem horas de conego, por
ter aproveitado tanto as lições de Santo
Antonio...
Dizem estar eminentemente unido entre
Frei Guadaluas, papa de orphãs e o
estudante seu Pureza, por lhe quer: este
ousar aquelle digno titulo. Consta que
serão padrinhos o sapieiro Tuto e seu
amigo maior Fantasma.
—Eis mais um crime que se podia
obstar, mandando para Fernando aquelles
protectores da innocencia...
Informamos que Frei Guadaluas, o
mais infame dos jesuitas modernos, ga-
bava-se publicamente de ser da privança
do Dr. Fieze de Policia e que conta
muita o breve no Correio de Jesus.
—Previna-se S. S., porque o biltro é
muito capaz de compromettel-o.
Um tal E. Faria, em uns versos que
publicou no Paiz, faz alluzões incanhas á
deidade de muletas, para ferir, segundo
dizem, uma irmã de sua propria confre-
ria!!!
—Não admira isto. Aqui já houve um
menino de cãgo que comia um tostão dia-
rio no infeliz, expouso-o ao ridiculo, di-
zendo lhe ser encarnado, aquillo que era
completamente verde.
A canalha de Santo Antonio, receando
insultar-nos aqui, mandá as suas in-
fâmias no passaporto catholico do laçao
Antonio M. dos Reis, bandido assalaria-
do pelo papado para injuriar na corte o
Governo e a Magistria.
—São dignos uns dos outros.
O capoteado Ozorio continua o dnylo
namorico da Palua e da Farnosa, não
obstante as attribuições por que tem
passado.
—Podera, dño-lhe papa em vez de
laca.
Frei Antonino de Reschio casou em S.
Vicente todos os individuos que viviam
amanceitados, deixando de casar o Vig-
rio, que, segundo dizem, vive a dias
amarras...
—Se este Reschio cá viesse e come-
cesse pelos collegos tinha serviço para
mais de mez...
Frei Luciano e Frei Martinho foram vis-
tos na semana passada, perto da Sara-
manta, cavalgando magnificos corceis e
com senhores á garupa!
—Aonde iriam estes santos corceis?
Perguntando algum ao Vigario de Pr-
vacaria porque a todas as noites a Santo
Antonio o nunca ao Theatro, respon-
deu elle:—é porque lá come-se e não se
paga e no Theatro paga-se e não se
come.
—Grandissimo alarve!

Movimento dos tempos. Santo Antonio na sexta-feira ultima:

Table with 2 columns: Item and Quantity. Items include 'Boatras ja masculinas', 'Ditas fajas e sartidas', 'Thesouraria extraordinaria', etc.

NB:—Seo Pariza tem faltado porque anda agoniado...

Sacar Pompadour.

CHRONICA

UMA CARTA AOS MEUS AMIGOS DO SUL.

Amigos vellos.

Com o maior prazer li tudo o que ja pela imprensa e ja em cartas particlares, escreveram vobos a respeito de meu romance O Mulato. Boas p... essas, sensatas e bom intencionaas...

Guardo religiosamente as censuras e os elogios com que me presentaram vobos—creiam bons amigos, que nao plantaram em mau terreno e que, mais cedo ou mais tarde, saberei tirar partido de seus bons conselhos.

Aqui no Maranhao so ultimamente se escreve sobre O Mulato, o que, digamos francamente, muito me tem divertido, quanto a Civelizacao.

O pobre jornal tem dado por paos e por pedras e ja que vobos perguntaram-me com tanta curiosidade—o que era isto de Civelizacao, eu responderei do seguinte modo:

—A Civelizacao e um jornal hebdomadario, com dois palmos e meio sobre palmo e meio de largura. Tem cinco columnas, diz-se Orgao dos interesses catholicos e da como seus redactores as seguintes capacidades:

Conego Joao T. G. Mourao—homem de uas quarenta annos, baixo, forte, moreno carregado, olhos vivos e sensaes, belcos grossos, testa curta, muita barba e uniao maior appetite. Signal particular—tem por costume embolar a lingua entre os queixaes e a pelle da bochecha.

Padre Raimundo Alves da Fonseca, magro, alto, summamente debil, compleio etica, contrastando com o collega citado—idade indefinivel—(de 30 a 60 annos) voz adocicada e artificial, que parece sair de uma taboca de doce. Tem uma mania—e andar vestido de conego.

Conego Jose S. Alves de Miranda, moço, caprichosamente escolhido, um ar languido e quebrado de padre Amaro, mãos finas, pescoço flecido e um timbre de voz que e um regalo.

Conego Theodoro A. P. de Castro, corpinho escasso, um tanto emperrado, sempre fungando e grande churidar de Simoué. Tem um tique—arribar o nariz com o lenço vermelho que traz sempre entrouxado na mão direita.

Conego Osorio Athayde da Cruz, e o mais inexperiente de todos os redactores da tal folha dos interesses catholicos—tem um olhar ingenuo e doce como o de uma mulher gravida—e moço, de modos brandos e sympathicos—olhando-se

para elle sente-se que naquella constituição o que falta e a energia, porem sentimos ao mesmo tempo como uma indulgencia compassiva de fronte de seus grandes olhos meridionaes—e temo—uma mulher amal-o-lia de joelhos.

Os collegas aproveitaram-se dessas circumstancias e fizeram-o responsavel por um artigo chamado a responsabilidade, que lhe está dando pra peras e o fará assentar-se nos laucos dos réus.

Ora ahi tem vobos o que e a Civelizacao e o que são os seus redactores—bons homens, que tiveram a desgraça de nascer em circumstancias taes que deram em padre.

Nos, os rapazes, temos nos divertido alguma coisa a custa d'ellos, porem mandada a verdade que digamos—nunca fomos ao pelle de nenhum e, apesar de tudo o que elles publicam a nosso respeito, nós comprehendemos, coitados, que na triste situacao em que elles se acham não podiam proceder de outro modo.—Pecam as sarças que lhes dão tocas; pecam sorrisos ao timido; pecam perfumes ás podridões!

Não! nós não condemnamos os pobres redactores da Civelizacao e até sentimos por elles verdadeira commizeração.

Para completar esta noticia conveny mostrar a que são os pobres homens vistos por dentro.

Ahi vai a transcripção da muito annunciada critica d'O Mulato crenos que a devemos a religiosa penna do Sr. padre Raimundo Alves da Fonseca. Por ella poderia vobos julgar do modo porque a Civelizacao julga um trabalho literario;

SO MELATO.

Como o romance e ja conhecido entre nos, apenas me limitarei a duas palavras sobre o enredo da peça. Eis-o:

O Dr. Raimundo, filho natural de uma escrava, e obrigado a ser expatriado para Portugal, onde educa-se. O tal rapaz torna-se um positivista mui, impio imbuído de certas ideas, que muito o levam, por terem o nome de ideas modernas. Vem, depois de formado, ao Maranhao, annuaria-se de uma prima, agra a no toda da infancia, e morre assassinado na entrada da Campinho-Grande.

Eis ahi em que deram as ideas positivistas; levaram o pobre rapaz a dar alimento aos vermes!

Esta narrativa, porem, opulenta e rebochada a volume com muita impudencia para o atomizado, muitas objeções futeis, cuja bella relacao artisa-se em qualquer compendio de philosophia ou livro de polemica. Apoz a impudencia vem muitas cousas burlescas, fora do natural, e somente capazes de abanillar e exovalhar a seriedade maranhense, como hei de demonstrar, com as proprias palavras do auctor.

O trabalho completa-se pela mais cynica imoralidade, e infames hurbididades, que palliam-lhe desde a primeira a ultima pagina!

Segundo a vontade do Zote (?) e suas affirmacoes eis ahi um romance realista; (?) o primeiro pipino que brota na ilha, pertencente a nova escola naturalista ou realista.

E muita audacia, ou muita ignorancia ou ambas as cousas ao mesmo tempo! E contar de mais com a ignorancia dos leitores, com a benevolencia da critica carnal, e julgar os outros por si.

Permita o joven Zote que me admire ahi uma vez! sua comprehensao (como se diz na escola realista) selhe o realismo e de eternas luminarias! Dizer que o Mulato e um romance realista, e querer debocar os leitores, e em tal caso melhor seria fechar os livros, e plantar batatas, e jurar com o antigo rirão:

Abraçou o asno com a amentoeira e acharam-se parentes.

O Mulato e um trabalhosoão flambricado, servil imitação estrangeira; e em certos pontos

(?) O critico so trata deste modo o autor da obra.

(?) O critico falta a verdade dizendo que o autor affirmou semelhante coisa.

los, miseravelmente plagiado, como lei de demonstrar-o, fazendo parallelas: e um monte de reticlos de varios auctores; e mais e do Zote.

Sobre o enredo do romance, para constantemente uma atmosfera de sensualidade epurista, da immoralidade bestial, obscenidades cynicas; e a apudrisca completa, nas formas, nas ideas e nas scenas!

Ce o que tudo aquilo foi architectada—de as impressões das leituras de Eça de Queiroz, ou pelo que euvi dizer a respeito de Haysmans, e Leon Henrique. Parece-me que tambem influiu na mente do Zote, o alimentado a paladar viciado das amadureas da litteratura decaeronica e avulgar assim a nomenclatura de leituras. Mas, neste caso, não engano o publico e escrevesse: litteratura para homens immoraes; o snobis e uma tração á boa fe do comprador.

Si o Zote não se zangasse, eu diria que elle expoeu com o gosto da epocha, e captivo com excessos e hogares, ahi a perspectiva risada; e real da luera e os apudras da tacha decaeronica.

Não e isto uma injustica que lhe faço, pois que elle, em plena "Pacotilha" de Saldado p. p., confessou ingenuamente, pouco mais ou menos, que escrevia para satisfazer aos appetites depravados de certos leitores, e não para defender convicções. (2) Bem-aide Deus para que não te lambas os gulos!

Em vista desta manifestação franca e realista, o Albuquerque, com a malicia que tem, pensou de ser o Zote á aquellas que alizam a penna ás vaidades do tenome ou a quem mais der; defendendo o pro e o contra com o mesmo enthusiasmo! (1)

E viva o realismo! Videntes no Mulato Segundo o decalogo e-pede apudrisca, que audazmente levanti o fuculo em toda o romance, crenos que o Zote não tem a mais franca idea dos novos in-ites e processos da escola realista.

Pois o homem demostrou-se com delecto bestial nas hurbididades; parece até achar certo saber tais termos immoraes, que veem-lhe á penna constantemente!

De sorte que, segundo o pensar desse novo Epiteto das mangas do Baranga, e pelas scenas do Pariza que o Primo Bezilto caracterisa-se como sempre realista; Zote e pelo decalogo contra o Padre Mourat ou pelo grande Symphonie des Francaes, no Le Vestre de Paris!

Faca birra!... E sair um pobre padreiro, acordar ahi noite para fabricar pão para um homem destes!...

Si o Zote fôra pessoa mais seria, amigo do saber; se renunciasse as dissipacoes, as turbulencias reias; se perdesse a mania de gaturug constantemente contra as pessoas, em escriptos injuriosos, e lesse o movimento litterario, boudieros, as polemicas travadas no seio da propria escola realista, mesmo em Portugal, veria causas que ignora completamente.

Veria que o realismo, inquinado de noxas, selhe impugnações de todos os litterales serios, até mesmo dos materialistas.

Veria, por exemplo, em Portugal, o Sr. Bento Moreano, que pursue do realismo uma comprehensao muito mais consciente e scientifica do que Eça de Queiroz, entendendo não tem uma o-scena escuraria. Si o Zote fosse a, não so conheceria este lado mais nobre e digno em que eleva-se a litteratura realista, como tambem não teria o desvoro de affirmar, sob o pseudonymo de Serpa, que Eça de Queiroz e o unico romancista realista de Portugal! (3)

Alfonso Dondel e um das mais notaveis escriptores realistas, mas seus publicações litterarias são de uma perfeita conveniencia burgueza.

Em Franca reprova-se acremente a immoralidade do Zola, Haysmans, L. Henrique, Le Houte Pôgre, e em Portugal, as proprias tentativas censuram em Eça de Queiroz a produbção indisciplinada e viciosa pelo mt, porque, dizem todos, não e pro ahi que se espere com as conquistas do realismo.

Pois si mesmo nas vultuos capitales europeas, cheias de todas os vicios e crenças varias, reprovam-se, até entre atheus e materialistas, as botadas obscenas desses escriptores; como e que o Zote tem o desearamento de alirar ao mercado da nossa polve cada de uma obra immoral, cheia de pontos bobos, como havemos de mostrar, repleta de scenas corruptoras, ensinamentos capazes de largarem a inquietação e infamia no seio das familias?

Que avidez proveza e essa, em pregar e espulhar o mal? Preciamos de bons meios,

(1) Não nas consta semelhante coisa.

(2) Ahi está—uma supposição de alcance.

(3) Refere-se a um artigo do sr. Antonio J. Sá Ribeiro publicado na Pacotilha com o pseudonymo de Serpa.

que nos melhora; para nos tornarmos habitados em suas parvices.

Queo quizer fazer ensaios de theroicos novos, ideas anacohetes, comover primeiros experimentando-as com o ar das sens; e depois de con-esprezas sobre-as-as como nos fazer. O mundo não avança por criticas de romancos, mas essas criticas fabricas podem arruinar muitas pessoas. A historia está cheia de exemplos futeis occasionados pelas más leituras.

Para que o Zote nos desse a medida exacta do seu realismo, devia abandonar essa vida do pedreira, de pé de arroz, e escrever-nhadas telas contra a vida albeia; vá para a force e a machado. Elle que tanto ama a natureza, que não cre no metaphisica nem na Religião, que só tem enthusiasmo pelos bens, banhos, pela sanie do corpo, a uma palavra para sentir o material, devia abandonar essa vida de vadio e ir cultivar as nossas hurbidas terras.

A lavoura! meu Zote! a lavoura! precisamos de heros e não de passas no rabelhorico em romancos; isto sim, e real. A agricultura lebrta os individuos e enriquece os países; a lavoura! a lavoura! e a enxada! Rex non erit.

Para o nosso Eça de Queiroz, dos lamangulos mangas do Baranga, o realismo consistia em frisar-se, empurrar-se, em casa do Ovidio (5) tres vezes ao dia andar [motu] a falar e a escrever injurias contra os individuos e as familias maranhenses.

Para esses desbragidos, naves saltadores da Serra Morena, o realismo (parte e a agressão descomedida contra as ideas religiosas, e a bouer a carne, as apoz brutas dos condidos, a mesa e ao ainhoro; e a pudenta vergonosa e prostrada, e uma especie de arrogancia de hogares, uma pudenta dominancia de viciuos estroinas; uma peccaria suer, uma hurga nocturna de artuaceros, embalgados, uam misga de marialvas em bairro de Coleridas, um delboche infernal em fim...)

O Zote fez provas de comprehender perfeitamente isto, e se me e boio parodiou um escripto portuguez, direi que neste ponto a vista do joven da Mulato e d'uma lucidez sideral!

Por este andar se Eça de Queiroz, no Primo Bezilto, cortara os senos de Pariza e no Crime do Padre Amaro, as perpectas da casa do stercira, estaria tudo perdido, e não fazia um romance realista!

E viva o litterato do Baranga! a comprehensao mais clara que conheço dos novos processos realistas.

Ato aqui me trocho collocado sobo ponto de vista meramente realista; sem dizer si pertencio ou não a esta escola. De modo que o romance, mesmo para um realista rouge, nos que seji homem de bem, e uma produção reprovadissima; entretanto, as linhas que ahi ficam, são apenas o preliminar dos delantos e torpezas gravissimas que hei de mostrar no tal romance.

O que ahi fica foi publicado pela Civelizacao em 23 de Julho de 1881 pelo Sr. padre Raimundo Alves da Fonseca, lente de philosophia do Lyceo desta cidade, capellão do exercito, redactor enrage da Civelizacao, conego honorario, vice-reitor do seminario de Santo Antonio e outras conzas que nós não sabemos; tudo isto já se vé, segundo o que dizem saber da propria bocca do Fonseca, que pelos modos anda por ahi a gabar-se da paternidade da critica.

Maranhão, 30 de Julho de 1881.

EXPEDIENTE.

O Vigieus.

Só tarde veio no nosso conhecimento o procedimento baixo e miseravel que teve para com nosso esse papelecho infame, que se publica sob aquelle titulo na Vigia, razão porque não lhe damos o est numero a resposta que costumamos dar aos laucos; mas com certeza não a perde.

A Litteratura, que tão dignamente sabio em nossa defeza, nossos sinceros agradecimentos.

(5) Cabdeireiro estabelecido nesta cidade. (7) O critico quer dar a entender que isto são frazes do romancista, mas não protesta-nos.

Maranhão.—Typ. de Frins & Filho Imp. por Antonio J. de Barros Lima.